

## O BAWB-GFAL EM 2011 QUER CONTRIBUIR PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE E CULTURA SUSTENTÁVEL.<sup>1</sup>

### QUE INOVAÇÕES NAS FORMAS DE GESTÃO SÃO FUNDAMENTAIS PARA ALCANÇAR UM MUNDO SUSTENTÁVEL?

Em última instância, quase todas as crises que afligem a sociedade e seus reflexos na economia mundial, na sua origem, são de natureza ecológica e cultural. Envolvem mudanças climáticas, poluição, escassez de água, extermínio da fauna, declínio do solo arável, esgotamento das áreas pesqueiras oceânicas, exaurimento das fontes de petróleo, disparidades sociais - bolsões persistentes de miséria-, violência e insegurança social, ameaça de pandemias e uma explosiva disparidade de apropriação de recursos no interior das nações e entre elas.

O maior desafio do século XXI, - na percepção de um número crescente de pessoas entre empresários, executivos, acadêmicos, líderes sociais e governamentais - será enfrentar que: “a humanidade compartilha *um destino comum num planeta superpovoado nas palavras de Jeffrey Sachs*. Esse destino comum exige novas formas locais e globais de gestão, com base em valores e estratégias de cooperação, mesmo que esta visão não esteja ainda incorporada à cultura prevalecente na sociedade, nem às estratégias dos negócios, nem na educação dos futuros líderes e executivos seja por falta de percepção, seja por outras preferências e valores.

Nos últimos 75 anos, muitos países bem-sucedidos foram, aos poucos, entendendo que seus cidadãos compartilham um destino comum, frente ao qual o governo tem de desempenhar um papel ativo de garantir - às instituições e pessoas - as oportunidades e meios (educação, saúde pública e infra-estrutura básica) para que possam participar produtivamente da vida em sociedade e para conter as perigosas interferências no meio ambiente físico.

É necessário avançar no entendimento de que o desenvolvimento de bem-estar social depende de inovações na forma de interação e cooperação entre: a dinâmica do mercado - especialmente da iniciativa privada e da participação da sociedade na gestão democrática das políticas públicas, responsáveis pela disponibilidade de bens públicos essenciais, notadamente os da infraestrutura, sem a qual não há possibilidade de desenvolvimento. A filosofia de cooperação, que defende uma economia de mercado guiada por princípios abrangentes de justiça social e manejo ambiental, tampouco, na percepção de muitos, foi estendida à sociedade global como um todo.

O BAWB-GFAL em 2011 convida os diferentes setores da sociedade civil, do sistema produtivo, de serviços e de gestão pública a identificar quais os fatores que, no momento atual, retardam ou alavancam a inovação e o progresso, assim como a escolher quais as prioridades e possibilidades de gestão harmônica entre os setores, de modo a que todos assumam a responsabilidade pelo destino comum, o que implica em iniciativas tais como: reduzir a pobreza, implementar infraestrutura, garantir um ambiente de negócios consistente, estabilidade monetária, seguridade social, disseminação de ciência e tecnologia e gestão adequada do meio ambiente, entre outras.

---

<sup>1</sup>Por Margarita Bosch. Texto inspirado no pensamento de Sach, Jeffrey: A riqueza de todos; tradução de Sergio Lamarão.- Rios de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.



Vale a pena considerar alguns dados da OECD (2001) que compara a Relação dos gastos do setor público enquanto fatia de renda nacional, e os dados de Foster e Mira d'Ercole (2005) sobre o impacto de diferentes formas de governança e gestão política de três tipos de sociedades capitalistas e seus resultados ao longo do tempo:

- Estados de Bem-estar Social: Dinamarca, Finlândia, Noruega e Suécia;
- Estados de Economias Mistas (meio caminho entre o bem-estar social e o mercado): Áustria, Bélgica, França, Alemanha, Itália, e Holanda.
- Estados de Livre Mercado: Austrália, Canadá, Irlanda, Nova Zelândia, Reino Unido e Estados Unidos.

Consultados indicadores da última década constata-se que é nos estados de bem-estar social onde se percebem melhores condições para o desenvolvimento sustentável, se comparados com os estados de livre mercado e de economias mistas.

De fato, é nestes estados que:

- a taxa de emprego versus população em idade produtiva é mais elevada;
- o PNB per capita também é mais elevado, assim como os níveis de renda;
- há redução da taxa de pobreza e uma distribuição de renda mais equilibrada;
- baixa taxa de corrupção e elevada confiança pública nas instituições governamentais;
- elevada taxa de competitividade internacional
- altas taxas de poupança nacional e equilíbrio entre despesa pública e o sistema de impostos.
- são estados que asseguram democracias em pleno funcionamento e garantem um nível muito elevado de bem-estar social para todos os cidadãos.
- além de um elevado nível de excelência tecnológica-, ha empresas que prosperam com base em alta tecnologia de informação e comunicações.
- se investe pesado tanto em *P&D* como em educação superior, e ostentam índices muito altos de patentes *per capita*.

Cresce a percepção em diferentes âmbitos de que nossa espécie e sociedade global florescerá ou perecerá, dependendo da nossa capacidade de gestão isto é, das escolhas estratégicas e modos de fazer, produzir, disseminar, desenvolver, que demonstrem ter chegado a acordos relacionados a um entendimento comum, a objetivos compartilhados, assim como aos meios práticos para alcançá-los. As pressões da escassez dos recursos energéticos, das crescentes crises ambientais, de uma população global cada vez maior, de migrações em massa – legais e ilegais -, da transferência de poder econômico e de profundas desigualdades de renda são demasiado complexas para serem deixadas à mercê das forças de mercado e da livre competição geopolítica entre nações. Requerem uma perspectiva ética que se evidencie por uma gestão ou fazer humano que busca a harmonia entre os seres vivos humanos e a biosfera que os contém: *habitat* do qual todos dependem. Para superarmos pacificamente essas dificuldades, teremos de aprender - em escala global - lições básicas que sociedades bem-sucedidas aprenderam, gradual e relutantemente, no interior de suas próprias fronteiras nacionais ao longo do tempo.

Cerca de meio século atrás, muitas nações começaram a reconhecer que seu ar, sua água e seus recursos terrestres também tinham de ser geridos mais intensivamente para o bem-comum de seus cidadãos numa era industrial. As áreas mais pobres das cidades não podiam ser o local de despejo dos dejetos tóxicos, porque, afinal, isso também colocava em risco os bairros mais abastados. A indústria pesada estava poluindo o ar e a água. A poluição industrial em uma determinada região poderia ser carregada pelos ventos, pelas chuvas e pelos rios centenas de



quilômetros curso abaixo, destruindo florestas, lagos, pântanos e reservatórios de água.

Mesmo dentro das fronteiras nacionais de sociedades divididas, os seres humanos relutam em compartilhar responsabilidades e destinos com aqueles que estão do outro lado da linha divisória traçada pela renda, pela religião e, talvez especialmente, pela raça.

Todavia, o reconhecimento de que agora compartilhamos responsabilidades e destinos comuns terá de ser estendido em escala internacional, de modo que todos se preocupem em assegurar um mundo sustentável em todas as regiões. Pode ser que essa cooperação global hoje nos pareça utópica. No passado a cooperação global foi bem-sucedida em muitos campos, em grande parte, devido a cidadãos bem informados que apoiaram a cooperação global, ao compreender que isso vem ao encontro de seus próprios interesses e, que é vital para o bem-estar de seus filhos e dos filhos dos seus filhos. Portanto, o nosso desafio não é tanto inventar a cooperação global, mas rejuvenescê-la, modernizá-la e expandi-la.

### **DEPENDE DE TODOS NÓS...**

Nós, como sociedade, podemos definir o rumo do nosso destino comum tornando-o sustentável; para tanto, é necessário inovar, isto é, tentar formas novas de ver, pensar, entender o contexto no qual todos, como seres humanos, vivemos: os paradoxos, dilemas e perigos, trazidos pela própria ação humana na busca do bem-estar e do desenvolvimento; a diversidade cultural com seus valores-guia que definem as preferências de gestão, e as novas formas de fazer. Parece prioritário ampliar o nosso olhar para além da competição a fim de poder avaliar os desafios comuns que temos pela frente. A trajetória atual do mundo em termos ecológicos, sociais, demográficos e econômicos é insustentável, e se continuarmos deixando as coisas como estão, teremos de lidar com crises sociais e tecnológicas, cujos resultados podem vir a ser graves. Aderimos à percepção de Jeffrey Sachs que aponta quatro macro causas que se encontram na raiz das crises:

- Pressões humanas sobre os ecossistemas e o clima da Terra com as decorrentes mudanças climáticas, a extinção em massa de espécies e a destruição de funções essenciais que sustentam a vida.
- O ritmo rápido do crescimento da população mundial, especialmente nas regiões menos aptas a absorver o crescimento demográfico.
- A armadilha da pobreza: um sexto do mundo permanece imerso na miséria que não é aliviada pelo crescimento econômico global. Esta evidência impõe dificuldades trágicas para os próprios poderes e grandes riscos para o resto do mundo.
- No âmbito político, estamos paralisados pelo próprio processo de resolução do problema global, curvados sob o peso do cinismo, do derrotismo e de instituições ultrapassadas.

Olhando para frente, acreditamos que se fizermos uma gestão de recursos mais inteligente e maximizarmos os ganhos alcançáveis a partir da ciência e da tecnologia, poderemos encontrar o caminho de uma prosperidade capaz de tornar habitáveis todas as regiões do mundo nas próximas décadas. A prosperidade global não deve ser limitada pela diminuição de recursos naturais; a economia mundial não deve se tornar uma luta pela sobrevivência do tipo “nós contra eles”. As ameaças podem ser evitadas se cooperarmos de forma efetiva.



O convite do BAWB-GFAL;2011 é contribuir para imaginar, promover e manter um ambiente favorável para a cooperação entre os diferentes setores; desenvolver competências de *designers* de soluções de gestão em todos os campos e investir em novas formas de educação na sustentabilidade.

Atingir essas metas em escala global pode parecer impossível. Todavia, não há nada inerente à política global, à tecnologia ou à disponibilidade absoluta de recursos no planeta que nos impeça de fazer isso. As barreiras estão vinculadas a nossa limitada capacidade de cooperar e à falta de inovação nas formas de gestão, entre outras. Precisamos de novos acordos e novas atitudes por todo o mundo, práticas que sejam compatíveis na resolução de nossos desafios globais.

Devemos ainda considerar a inovação introduzida com a nova tecnologia de informação e comunicação, que tem a propriedade de:

- ✓ fortalecer a cooperação global pela conectividade entre pessoas, organizações, países,
- ✓ facilitar o acesso à informação e disseminação em escala de mensagens e orientações vitais para milhares de pessoas em segundos;
- ✓ ampliar a capacidade de replicar conhecimentos pela educação à distância
- ✓ 4) possibilitar o controle social e a responsabilização de gestores em diferentes âmbitos.
- ✓ 5) fortalecer comunidades de interesse.

Como seres humanos, todos realizamos nosso viver em múltiplas dimensões: somos pessoas, cidadãos de um país, somos naturais de um lugar; fazemos parte de diferentes grupos culturais, científicos, educacionais, artísticos; somos executivos, empreendedores, funcionários; integramos diferentes instâncias da sociedade civil, etc. Nessa multiplicidade e diversidade de desempenho é que exercemos nosso fazer humano, e é isto o que nos configura como seres humanos éticos e responsáveis.

São estas múltiplas identidades, que no dizer de Amartya Sen, permitem que cada um de nós se conecte não somente a um local, cultura, região, religião, mas a múltiplas facetas do nosso mundo, mediante o nosso fazer e suas conseqüências sistêmicas em todos os âmbitos. Assim, a menor das ações que realizamos tem a potencialidade ética da construção de um mundo de bem-estar para todos, da sociedade e cultura na qual possam florescer as pessoas e sua capacidade ilimitada de inovar a cada momento. Somos um nó de inovação; na imensa teia ou rede global cooperamos com a sua construção, somos responsáveis pelos seus efeitos; logo, modelamos a sociedade e cultura em que vivemos.

Cabe então perguntar: Quais as aprendizagens que devemos realizar para a construir o mundo sustentável que almejamos?

E o que fará cada um de nós neste imenso teatro cósmico em que atuamos?

